



HAL
open science

Hierarquia e autoridade capetíngia no século XI: imagem e texto

Eliana Magnani

► **To cite this version:**

Eliana Magnani. Hierarquia e autoridade capetíngia no século XI: imagem e texto. Néri de Barros Almeida, Marcelo Cândido da Silva. Poder e construção social na Idade Média: história e historiografia, Editora UFG, pp.47-62, 2011. halshs-00688753

HAL Id: halshs-00688753

<https://shs.hal.science/halshs-00688753>

Submitted on 18 Apr 2012

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Hierarquia e autoridade capetíngia no século XI: imagem e texto¹

Eliana Magnani

CNRS – ARTeHIS UMR 5594 (Auxerre/Dijon)

Em um caderno de 6 fólios, um deles hoje desaparecido, de pequeno formato (170 x 250 mm), entre 1072 e 1079, ou mais precisamente em torno de 1076-1077, os cônegos regulares da abadia de Saint-Martin-des-Champs compuseram uma obra, conservada atualmente em Londres (British Library), que reúne em torno de três atos diplomáticos, uma narrativa em versos e em imagens². Conhecida como « *chronique versifiée* » ou « *livre des privilèges* », e editado em 1912 por Jean Depoin³, o manuscrito foi copiado com a adição de três outros diplomas e uma nova interpretação das imagens em meados do século XIII, obra que se encontra hoje em Paris (Bibliothèque nationale de France)⁴. Nenhum estudo analisou ainda atentadamente as imagens contidas nos dois manuscritos, embora estas tenham suscitado várias reproduções. O primeiro historiador moderno de

¹ Eu pude discutir com colegas e estudantes sobre o manuscrito estudado neste artigo em seminários organizados em março 2007, na Universidade de Bourgogne (org. Daniel Russo e Eliana Magnani) e na Universidade de Aix-en-Provence (org. Laure Verdon e Lucien Faggion), e em novembro 2007, na Universidade de São Paulo (org. Flávio de Campos). Agradeço a todos pelas questões colocadas e pelas sugestões dadas. Agradeço igualmente Olivier Guyotjeannin, por ter me comunicado alguns de seus artigos ainda inéditos. Todo meu reconhecimento vai a Daniel Russo, cujas numerosas indicações e discussões tornaram este trabalho possível.

² Londres, British Library, Add 11662, f. 4r-8r. O manuscrito foi provavelmente encadernado no século XIX junto com duas cartas de 1839 (f. 1-3), a transcrição e os índices (f. 10r-20r) realizados pelo Barão de Joursenvault (1751-1793), que possuía o manuscrito antes de sua compra pelo British Museum em 1839 (no fólio 1r, lê-se: « Purchased of Techener, Paris, 16 nov. 1839, from the Archives de Joursanvault Lat. 1035 ». Cf. *Catalogue analytique des archives de M. le Baron de Joursanvault*, Paris, Techener, 1838, t. II, p. 180, lat. 1035. A datação do manuscrito, entre 1072 e 1079, é dada pela subscrição posterior a 1072 dos legados pontificais Gerardus, bispo de Óstia, e Raimbaldus *sacri palatii actionarius*, no ato original de 29 de maio de 1067 (enviados como legados em março 1072, permanecem na França até pelo menos em abril 1073, cf. *Recueil des actes de Philippe I^{er}, roi de France (1059-1108)*, ed. M. PROU, Paris 1908, n° 30, p. 91-94, aqui p. 94 n. 1) e a data da transferência de Saint-Martin-des-Champs a abadia de Cluny, de 29 de agosto de 1079, não mencionada no manuscrito (*Ibid.*, n° 95, p. 245-248). As menções às sés de Dol e de Tours (f. 6v-7r), no entanto, parecem ser uma referência ao conflito entre os dois arcebispados relançado em setembro 1076, quando o papa Gregório VII atribui o *pallium* e o título de arcebispo de Dol a Evenus, privilégio contestado pelo arcebispo de Tours (Cf. *Das Register Gregors VII*, éd. E. CASPAR, Berlin, 1920-1923, 2 vol., *Monumenta Germaniae historica. Epistolae selectae* 2, IV, 4 ; IV, 5 ; IV, 13 ; IV, 17 ; V, 22 ; V, 23). Nesta mesma época (final de 1076), Felipe I derrota Guilherme I de Normandia que havia sitiado a cidade de Dol (Cf. *Recueil des actes de Philippe I^{er}*, n° 84, p. 217-218, n. 1).

³ J. DEPOIN, *Recueil de chartes et documents de Saint-Martin-des-Champs, monastère parisien*, vol. 1 (Archives de la France monastique 13), Ligugé-Paris, 1912, p. 13-23. Esta edição, que deve ser usada com muita precaução, é consultável em forma digitalizada no site <http://gallica.bnf.fr/>. J. Depoin utiliza o manuscrito de Paris, do século XIII, nesta edição, e separa o texto versificado do texto dos atos diplomáticos que ele reorganiza em ordem cronológica.

⁴ Paris, Bibliothèque nationale de France, nouv. acq. lat. 1359.

Saint-Martin-des-Champs, Dom Martin Marrier (1572-1644)⁵, mandou Jaspar Isaac gravar, reinterpretadas segundo o gosto da época, as iluminuras do manuscrito de Paris em sua *Histoire du monastère de Saint-Martin-des-Champs* (1636). No século XIX, o desenho do fólio 5v do manuscrito de Londres foi reproduzido no catálogo dos arquivos do Barão de Joursanvault (1838)⁶, e a partir deste catálogo na *Histoire de France* de Bordier e Charton (1859)⁷. Mas o primeiro estudo comparativo que estabelece a filiação entre os dois manuscritos é de autoria do editor dos atos de Felipe I, Maurice Prou (1890)⁸, que, no entanto, trata com desprezo o texto versificado.

Sem perder de vista o conjunto da obra, nosso objetivo neste artigo é de refletir sobre a questão da hierarquia a partir da última imagem do manuscrito de Londres do século XI (f. 5v). No contexto de ajustamento e de articulação da sociedade senhorial face à autoridade real e a difusão da reforma eclesiástica, trata-se de pensar a relação entre texto e imagem como forma de manifestação e de representação do tecido social na corte capetiana dos anos 1060-1070⁹.

⁵ M. MARRIER, *Martiniana, id est, Literae, tituli, cartae, privilegia et documenta, tam fundationis, dotationis et confirmationis, per Henricum I., Philippum I... Ludovicum 6. 7. 13. et Franciscum I.,... quam statuta reformationis monasterii... S. Martini a Campis, Parisiis, una cum Leonis decimi, Pauli tertii... pro dictae reformationis observatione bullis et arestis*, Paris, 1606, ID., *Monasterii regalis S. Martini de Campis Paris... historia...*, Paris, 1636 (edição em 1637).

⁶ *Catalogue analytique des archives de M. le Baron de Joursanvault*, op. cit., p. 180, lat. 1035.

⁷ H. BORDIER e É. CHARTON, *Histoire de France depuis les temps les plus anciens jusqu'à nos jours, d'après les documents originaux et les monuments de l'art de chaque époque*, Paris, 1859-1860, t. I, p. 241.

⁸ M. PROU, « Dessins du XI^e siècle et peintures du XIII^e siècle », *Revue de l'Art Chrétien*, 1890, p. 122-128. No século XX, o manuscrito de Londres é reproduzido em J. PORCHER, *L'enluminure française*, Paris, 1959, e o de Paris em F. VERCAUTEREN, *Atlas historique et culturel de l'Europe*, Paris, Bruxelles, 1962. A imagem do f. 4r do manuscrito de Londres ilustra a capa do livro *Typologie der Königsurkunden*, dir. J. BISTRICHLY, OlmCuz, 1998 e foi rapidamente comentada por G. KOZIOL, *Begging pardon and favor: ritual and political order in early medieval France*, Ithaca (N.Y.), 1992, p. 68 e 70.

⁹ Sobre a dinastia capetiana, ver, *Les capétiens. Histoire et dictionnaire, 987-1328*, F. MENANT dir., Paris, 1999 (Bouquins); E. M. HALLAM, *Capetian France, 987-1328*, Londres, New York, 3^e éd. 1986 (1980); A. W. LEWIS, *Royal succession in Capetian France : studies on familial order and the State*, Cambridge, Mass., Londres, 1981 (tradução francesa de J. Carlier *Le sang royal : la famille capétienne et l'État. France, X^e-XIV^e s.*, Paris, 1986).



Desenho de Bruno Baudoin, a partir do manuscrito de Londres, British Library, Add. 11662 fº 5v, (CNRS, ARTeHIS UMR 5594)

Apresentação sinóptica de um diploma real

O manuscrito de Londres contém atualmente 3 fólios iluminados (4r, 5r e 5v)¹⁰. No fólio 4r, uma imagem sinóptica representa a restauração da abadia de Saint-Martin-des-Champs pelo rei Henrique I¹¹. No 5r, são figurados o bispo São Martinho de Tours e o rei Henrique I em seu leito de

¹⁰ A partir de comparação entre os manuscritos de Londres e de Paris, constata-se que o de Londres foi amputado de um fólio entre os fólios 4 e 5, que como no manuscrito parisiense deveria comportar a iluminura representando as cinco *villae* e o moinho recebidos pela abadia do rei Henrique I.

¹¹ Sobre o movimento de fundações de comunidades canonicais, ver J.-F. LEMARIGNIER, “Aspects politiques des fondations de collégiales dans le royaume de France au XI^e siècle”, in *La vita comune del clero nei secoli XI e XII. Atti della Settimana di studio*, Mendola, 1959, p. 19-49, reeditado em J.-F. LEMARIGNIER, *Structures politiques et religieuses dans la France du haut Moyen-âge : recueil d'articles rassemblés par ses disciples*, Mont-Saint-Aignan, 1995, p. 365-386. Sobre a história de Saint-Martin-des-Champs, ver C. HEINTZ, *Anfänge und Entwicklung des Cluniazenser-Priorates Saint-Martin-des-Champs in Paris (1079-1150)* (Diss. phil.), Münster, 1982; A. SOHN, “Die

morte. O fólio 5v se refere à doação feita pelo rei Felipe I a Saint-Martin-des-Champs da igreja de Saint-Sanson-Saint-Symphorien de Orleões. As iluminuras dos fólhos 4r e 5v podem ser consideradas como a síntese de dois diplomas reais, comentados e ressaltados em imagens e em versos, que introduzem e sublinham passagens dos atos.

O fólio 5v, que nos interessa particularmente aqui, é composto de dez linhas de texto versificado, no alto à direita da página, seguidas da representação de uma cena que ocupa cerca de três quartos da página. Ele apresenta uma coloração azulada, resultado de um tratamento químico realizado no início do século XIX, mencionado nas cartas dos fólhos 1-3. Mesmo assim, é possível distinguir, além da tinta marrom usada na escrita e no contorno dos desenhos, a utilização de tinta vermelha e talvez de dourado. À direita, o rei Felipe aparece em primeiro plano sob um arco de volta inteira decorado com palmas, folhas e semi-folhas de acanto. A arcada forma sobre o rei um dossel de majestade apoiado sobre dois capitéis a folhas de acanto, suportados por dois pilares de forma espiralada, repousando sobre uma moldura a anel. O rei está sentado de face em um banco dobrável derivado do curul dos altos magistrados romanos, de pernas cruzadas com os pés sobre um pequeno tapete, nos moldes das representações carolíngias do rei Davi enquanto rei de paz.

Felipe está vestido com calças e uma túnica vermelhas, esta última recoberta por uma peça de tecido drapeada na cintura e de uma estola (?) em torno do pescoço descendo em meio ao busto. Com uma coroa de três pontas, uma barba curta e a cabeça ligeiramente virada para a esquerda, o rei segura com a mão direita uma verga florida que se junta com a arcada. Ele mostra as igrejas Saint-Martin et Saint-Sanson com a mão esquerda. Na altura de sua cabeça lê-se a inscrição em letras maiúsculas: PHILIPUS REX. O rei Felipe aparece assim como um retrato-tipo de personagem de autoridade, onde as referências a um vocabulário antigo – o curul, a decoração da arcada-dossel e dos capitéis – se articulam com os signos de majestade – a coroa e a verga florida¹². O florão, símbolo de fertilidade, é particularmente significativo se colocado em relação com a juventude do rei. Coroado aos sete anos em Reims, no dia da Pentecostes de 1059 (23 de maio), e, após a morte de Henrique I em agosto 1060, sob a tutela do conde Balduino de Flandres, em co-regência com sua mãe, Ana de Kiev, Felipe atinge a maioridade e assume sozinho o governo entre o final de 1066 e os primeiros meses de 1067¹³, ano do ato que é copiado no fólio 6r em face da imagem.

Kapetinger und das Pariser Priorat Saint-Martin-des-Champs im 11. und 12. Jahrhundert. Mit Ausblicken auf die Beziehungen zwischen dem Konvent und den englischen Königen”, *Francia* 25/1, 1998, p. 77-121.

¹² Sobre as insígnias que fazem a autoridade do personagem assim apresentado, ver os trabalhos precursores de Percy E. Schramm seguidos por Ernst Kantorowicz (P. E. SCHRAMM, *Herrschaftszeichen und Staatssymbolik: Beiträge zu ihrer Geschichte vom dritten bis zum sechzehnten Jahrhundert*, mit Beiträgen verschiedener Verfasser, Stuttgart, Munique, 1954-1978, 4 vol. (Schriften der Monumenta Germaniae historica 13); P. E. SCHRAMM, F. MÜTHERICH, *Denkmale der deutschen Könige und Kaiser*, Munique, 1962-1978, 2 vol.; E. H. KANTOROWICZ, *The King's two bodies, a study in mediaeval political theology*, Princeton, N.J., 1957).

¹³ Sobre as datas relativas a Felipe I, cf. *Recueil des actes de Philippe I^{er}*, *op. cit.*, p. XV-XXXVIII.

A maneira como Felipe I é apresentado na crônica de Saint-Martin-des-Champs é próxima dos selos em majestade, tipo de selo que aparece no final do século X com o imperador germânico Oto III e se difunde na primeira metade do século XI¹⁴. Henrique I é o primeiro dos reis capetianos a adotar esta forma sigilada onde se prenuncia a configuração de uma imagem de autoridade real ou leiga. O primeiro selo de Felipe I se calca no de seu pai: sentado de face sobre um banco com dois andares de arcadas e os pés apoiados sobre um estrado, o rei, barbado e com cabelos curtos, leva uma coroa de três pontas; vestido com uma longa dalmática e um manto curto preso no ombro direito por um broche redondo e a ponta tombando no peito, ele segura uma verga florida com a mão direita e um cetro com a esquerda¹⁵.



Primeiro selo do rei Felipe I (73 mm de diâmetro) – Paris, Archives Nationales, collection de sceaux D 33 (molde a partir da impressão sobre um ato do 1º de agosto de 1068, Archives Nationales, K 20 n° 4) (PHILIP(us) D(e)i GR(aci)A / FRANCORV(m) REX). Ver *Corpus des sceaux français du Moyen Âge. Tome II, op. cit.*, p. 142, n° 63.

Na crônica de Saint-Martin-des-Champs, à esquerda do rei Felipe I, dois edifícios eclesiásticos sobrepostos são figurados com as portas abertas. A igreja superior é colocada acima do nível do rei. Ela mostra as arcadas interiores de uma basílica aberta e é designada como *aeclesia sancti martini* (« igreja São Martinho »), enquanto que a igreja abaixo é notada enquanto *aeclesia sancti sansonis subiecta beato martino* (« igreja São Sansão submetida a São Martinho »). Logo abaixo são representados, em galeria ou em cortejo, de face e somente com a metade superior do corpo, sete bispos, imberbes, tonsurados e aureolados, portando uma dalmática, recoberta de uma estola. Eles seguram com ambas as mãos um báculo pastoral inclinado para a esquerda, que, como a

¹⁴ Cf. T. REINHARDT, *Warum führte Kaiser Otto III. das Thronsigel ein?*, Universität Rostock, Historisches Institut Seminar: Einführung in das Studium der mittelalterlichen Geschichte: Bild und Herrschaft. Fränkische und deutsche Könige und Kaiser in Abbildern ihrer Zeit (751-1190), 2005 [<http://www.hausarbeiten.de/faecher/vorschau/69363.html>]

¹⁵ Cf. Archives Nationales. *Corpus des sceaux français du Moyen Âge. Tome II : Les sceaux des rois et de régence*, ed. Martine DALAS, Paris, 1991, p. 141 n° 62 ; p. 142 n° 63 ; p. 143 n° 64.

vestimentária, os indicam como oficiantes litúrgicos. Todos os bispos são designados por uma inscrição acima de suas cabeças. Somente o primeiro é identificado pelo seu bispado, o arcebispo de Sens – *Richerius Senonensis archiepiscopus* – seguido de *Gaufridus, Guido, Galterius, Hugo, Rogerius, Ivo episcopi*, que podem ser identificados respectivamente como bispos de Paris, Amiens, Meaux, Troyes, Châlons-sur-Marne e Sées. Em baixo dos bispos, uma galeria de sete nobres leigos e um arqui-diácono são figurados com a parte superior do corpo, revestidos de uma túnica e de um cinto. Eles mantêm o antebraço esquerdo levantado mostrando a palma da mão aberta e a mão direita com o dedo indicador apontando para o alto à esquerda, indicando sua boa fé enquanto testemunhas. Eles são todos identificados por uma inscrição acima de suas cabeças: *Rainaldus comes, Willelmus comes, Hugo comes, Hugo frater regis, Balduinus comes, Balduinus filius ejus, Drogo archidiaconus parisiensis, Wido de Monte Letheriaco* (Reinaldo, conde de Soissons; Guillaume, conde de Corbeil; Hugo, conde de Dammartin; Hugo de Crépy, irmão de Felipe I; Balduino V de Flandres e seu filho Balduino VI; Drogo, arqui-diácono de Paris; Gui de Montlhéry). Todos são barbados, exceto Hugo, irmão do rei, provavelmente por ser ainda bastante jovem, e Drogo, arqui-diácono de Paris, por seu estado clerical. Outros personagens, atualmente pouco visíveis, representados na mesma posição que os anteriores ou dos quais só se distingue a cabeça, aparecem à direita do rei, fora da arcada em duas fileiras sobrepostas de pelo menos três e quatro personagens cada uma, e em baixo, ao lado da fileira de nobres identificados. Apesar de quase apagados, eles evocam juntos a idéia da corte que acompanhava o rei e testemunhava de suas decisões. O registro inferior da imagem se compõe de uma faixa decorada com folhas de acanto abertas e apontando para o alto.

O quadro pan-óptico do fólio 5v, como nós veremos mais à frente, é passível de diferentes interpretações, mas não pode ser dissociado dos textos que o circundam.

Texto e imagem: hierarquia das mídias, dos santos e das sés eclesiásticas

Dentro da economia geral do manuscrito, o texto prevalece aqui sobre a imagem. O discurso da imagem é estreitamente imbricado ao texto dos versos que a precedem no fólio 5v e a seguem no fólio 6r¹⁶ et do ato diplomático transcrito entre os fólhos 6r e 7v¹⁷. A imagem os explicita e não é

¹⁶ J. DEPOIN, *Recueil de chartes*, op. cit., p. 19-20. O primeiro e o último dos dez versos do f. 5v são: *Martinus remanet, Regis scelus ut prece sanet. [...] Ad disponendum, vel quodlibet ad faciendum*. O primeiro e o último dos dez versos do f. 6r são: *Martinus nomen felix susceperit ad omnem [...] Testibus hiis quorum sunt nomina, vox ut eorum*.

¹⁷ A edição de referência deste ato é a de Maurice Prou, *Recueil des actes de Philippe I^{er}*, op. cit., n° 30, p. 91-94, que assinala em nota os versos intercalados ao ato no manuscrito, mas ignora os que o precedem.

concebida, em princípio, para funcionar como um discurso autônomo, mesmo se ela pode veicular uma mensagem particular.

Depois de tratar da fundação da abadia de cônegos regulares de Saint-Martin-des-Champs pelo rei Henrique I e da morte deste nos fólhos 4r-5r, nos fólhos 5v-6r, os versos lembram o papel que São Martinho desempenha, enquanto « amigo » do rei (*amicus*), como protetor e intercessor pela salvação da sua alma junto a Deus. Trata-se em seguida de selar a continuidade entre o pai e o filho, Henrique e Felipe, assinalando que este não desprezou a obra de seu pai, mas ao contrário a ampliou transferindo inteiramente a sé de Sansão para a sé (*sedes*) de Martinho, que pode dispor como quiser da igreja de Saint-Sanson. Felipe garante desta forma a intercessão de Martinho no momento de sua morte. Os versos chamam então a atenção para os nomes dos que testemunharam, se pronunciando (*vox eorum*), por esta transferência realizada pelo rei.

Em seguida é transcrito o diploma real passado em Paris, no dia 29 de maio de 1067, dois dias depois da Pentecostes (terça-feira). O preâmbulo do ato, se apoiando em uma passagem do livro de Jeremias (Jer 6, 16) lembra que as Escrituras e os Patriarcas indicam que se deve imitar os bons exemplos sempre que possível. Felipe se dispõe assim a imitar as boas obras de seu pai, Henrique, que renovou e reconstruiu a igreja Saint-Martin-des-Champs, perto de Paris, lhe dando vários benefícios e bens, e instituindo nela cônegos vivendo de forma cenobítica. Seu pai tendo morrido sem ter podido completar esta obra, Felipe faz consagrar a igreja. Para tanto, ele reúne muitos prelados e eminentes nobres, tanto clérigos quanto leigos. E por amor por Deus e em honra de São Martinho, em nome do qual a igreja é consagrada, assim como pelo repouso da alma de seu pai, Felipe confirma o que este concedeu outrora à Saint-Martin, acrescentando a concessão da abadia Saint-Symphorien e Saint-Sanson de Orleões e a metade das taxas referentes à feira que ocorre neste local nos dias primeiro de novembro. Ele faz redigir o diploma (*testamentum*), o autentifica com seu selo e o faz subscrever por todos os bispos e príncipes presentes.

Depois da fórmula cominatória e da data, o ato é intercalado com a menção da consagração da igreja pelos bispos mencionados (*Dicata sub eodem tempore ipsa ecclesia a supradictis pene episcopis*) e por versos que como os que precedem o ato, também o comentam e insistem sobre a presença das testemunhas da doação. De fato, o ato é subscrito por sessenta testemunhas, entre as quais todas as que são representadas na imagem do fólho 5v, exceto Balduino filho do conde de Flandres. Por outro lado, os versos justificam também a transferência da igreja Saint-Sanson a Saint-Martin, colocando-a como o retorno a uma ordem hierárquica legítima entre os santos, Martinho e Sansão, e as sécs eclesiásticas que eles representam, Tours e Dol na Bretanha.

Tanto os versos quanto a imagem do fólho 5v omitem a dupla titulação da abadia de Orleões, dedicada também a São Sinfiriano, mencionando somente São Sansão. A polarização em torno da

figura de Sansão pode estar relacionada com eventos políticos dos anos 1076-1077, os cônegos de Saint-Martin-des-Champs se manifestando assim em acordo e na defesa dos interesses capetianos na arquidiocese de Tours.

Sansão, monge celta que teria vivido no início do século VI, é tradicionalmente considerado como o primeiro bispo de Dol, assim como Martinho o é de Tours. Como os outros bispados bretões, Dol dependia da metrópole de Tours, mas desde meados do século IX, nutria pretensões a ser elevada a arcebispado. No contexto da reforma eclesiástica do século XI, a questão opondo as duas sés é de novo aguda. Ela é examinada durante o concílio de Reims de 1049, reunido pelo papa Leão IX, onde o bispo de Dol é acusado de simonia e de se subtrair da jurisdição do arcebispo de Tours. Quase trinta anos mais tarde, entre 1076 e 1077, o papa Gregório VII nomeia Evenus, abade de Saint-Melaine de Rennes, como arcebispo de Dol (1076-1081) e lhe autoriza o uso do pálio, embora reconhecendo a supremacia do arcebispo de Tours sobre Dol¹⁸. Tal privilégio contraria o arcebispo de Tours, Raul I (1072-1085), que se queixa junto ao papa cuja proposta é encontrar os dois prelados para resolver o problema¹⁹. Estes acontecimentos são contemporâneos do cerco de Dol por Guilherme I, duque da Normandia e rei da Inglaterra, em setembro 1076, e à reação de Felipe I que socorre a cidade bretã com um exército, derrotando o duque normando e evitando a invasão da Bretanha²⁰. Felipe conserva assim a Bretanha sob influência capetiana, mesmo se longínqua.

A maneira como a crônica de Saint-Martin-des-Champs apresenta a relação entre Martinho e Sansão remete ao vínculo entre as sés de Tours e de Dol, onde a supremacia de Tours, de seu santo patrono, Martinho, e de seus arcebispos sucessivos, é reivindicada: “O pastor de Dol é a igreja de Tours, Sansão possui Dol, Martinho possui a igreja de Tours...” (*Pastor Dolensis est ecclesie Turonensis, / Sanson Dolensem, Martinus habet Turonensem / Ecclesiam...*); “Assim [o pastor] de Dol é servo, o de Tours é senhor” (*Ergo [pastor] Dolensis est servus, herus Turonensis*). Se aceitamos a hipótese que a crônica foi realizada a partir dos anos 1076-1077, tendo como pano de fundo o conflito entre Tours e Dol e a rivalidade entre o rei capetiano e o duque normando, a crônica relê o ato de consagração e de doação de Felipe I de 1067 sob o prisma de fatos

¹⁸ *Das Register Gregors VII, op. cit.*, IV, 4 e 5 (27/09/1076).

¹⁹ *Das Register Gregors VII, op. cit.*, IV, 13 (01/03/1077). Sobre os conflitos entre Dol e Tours, ver Paula DE FOURGEROLLES, “Pope Gregory VII, the archbishopric of Dol and the Normans”, *Anglo-Norman studies*, XXI (1998), p. 47-66 ; Hubert GUILLOTTEL, “Bretagne et papauté au XI^e siècle”, *L’Église de France et la papauté (X^e-XIII^e siècle). Actes du colloque historique franco-allemand*, Rolf GROSSE (dir.), Bonn, 1993, p. 265-286 ; et Armelle COULBEAUX-LE HÜEROU, *Baudri, archevêque de Dol et hagiographe (1107-1130) : édition, traduction et commentaire de quatre textes en prose*, Thèse de doctorat : Histoire : Rennes 2, 2006, p. 281-289 (agradeço Florian Mazel por esta indicação bibliográfica). A historiografia sobre as rivalidades entre Dol e Tours parece desconhecer o testemunho sobre a questão contido na crônica de Saint-Martin-des-Champs.

²⁰ Cf. *Recueil des actes de Philippe I^{er}*, n^o 84, p. 217-218, n. 1. Sobre o cerco de Dol, ver A. CHEDEVILLE, N.-Y. TONNERRE, *La Bretagne féodale XI^e-XIII^e siècle*, Rennes, 1987, p. 62-64.

contemporâneos. Jogando com a titulação das igrejas, e hierarquizando os santos – a supremacia de Martinho sobre Sansão –, ela apresenta a transferência da abadia de Saint-Symphorien-Saint-Sanson de Orleões à abadia de Saint-Martin-des-Champs, fato em si comum para época, como um elemento suplementar e análogo à preminência da arquidiocese de Tours sobre a diocese de Dol. Esta questão, alheia, ou melhor, omitida no ato de 1067, acaba sendo explicitada na imagem do fólio 5v, graças ao texto em versos.

É importante salientar ainda que a doação de Felipe I de 1067 remete a antigas relações entre os capetianos, a abadia de Orleões e a Igreja de Dol. De fato, o ancestral dos reis capetianos, o duque Hugo o Grande (ca. 898-956), em maio 930, oferecera a abadia Saint-Symphorien de Orleões a São Sansão, ao bispo Ayen (*Aganus*) [de Dol] e a seus cônegos²¹. Segundo a tradição historiográfica, as relíquias de Sansão teriam sido trazidas a Orleões, para protegê-las contra os ataques normandos, e a abadia de Saint-Symphorien teria em seguida adotado o duplo patronato de Sinfriano e Sansão²². A doação de 1067 mostra que, um século mais tarde, os capetianos continuam a exercer sua influência sobre a abadia de Orleões e a utilizam nas relações reticulares que imbricam santos, sés eclesiásticas e comunidades religiosas.

São Martinho de Tours, Saint-Martin-des-Champs e os reis capetianos

A relação entre São Martinho e os reis capetianos é o eixo em torno do qual a crônica da Saint-Martin-des-Champs se articula. O santo tutelar da igreja do norte de Paris que Henrique I restaura e onde ele instala uma comunidade de cônegos regulares é o fundador da célebre abadia de Tours, referência enquanto comunidade canonical, onde o fundador da dinastia capetiana, Hugo Capeto (ca. 940-996), fora abade leigo²³. O elo entre a abadia de Saint-Martin-des-Champs e São Martinho é apresentado na crônica de diversas maneiras que tendem a confundir o santo, a comunidade que o serve e o edifício que a abriga. Em outros termos, São Martinho é associado a diferentes “formas” (igreja, bispo, palavras) atrás das quais está também a comunidade canonical. Isto significa que Martinho, interlocutor e *amicus* dos reis, remete ao mesmo tempo à abadia e à comunidade que a habita.

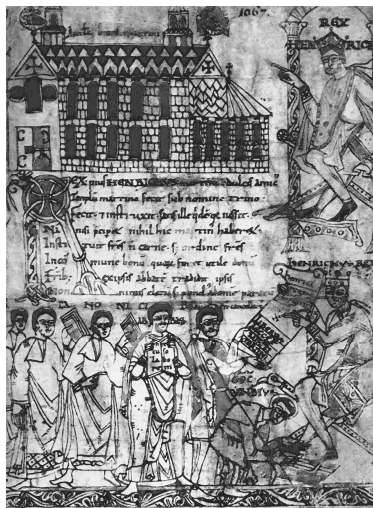
Neste sentido, podemos considerar na iluminura do fólio 4r, composta em dois níveis, que Martinho é o edifício eclesiástico para o qual o rei Henrique I aponta no plano superior, e os cônegos liderados pelo abade presentes diante do rei no plano inferior da imagem. O abade mostra

²¹ J. DEPOIN, *Recueil de chartes et documents de Saint-Martin-des-Champs*, op. cit., n° 2, p. 6-8.

²² T. HEAD, *Hagiography and the Cult of Saints: The Diocese of Orleans, 800-1200*, Cambridge, 1990 (rééd. 2005), p. 96, 183.

²³ H. NOIZET, *La fabrique de la ville. Espaces et société à Tours (IX^e-XIII^e siècle)*, Paris, 2007.

um códice aberto onde se pode ler as últimas palavras de Martinho antes de morrer – *Non recuso laborem* (“não recuso trabalho”) –, é associado a dois cônegos que mostram um códice fechado, o que poderíamos interpretar como a adesão da comunidade à regra canonical da abadia de Tours. Diante do rei se encontram ainda o chanceler Balduino que estende o ato de doação que o rei subscreve, assim como o bispo Imbertus [de Paris, 1030-1060] ajoelhado. A insistência, como vimos, sobre o papel de Martinho enquanto prelado da sé de Tours, no final da crônica, pode explicar por que ele é designado enquanto *episcopus*, e não como *sanctus* no fólio 5r, onde aparece como intercessor do rei Henrique morto. Sob uma arcada, de face, com a vestimenta episcopal e segurando um báculo pastoral, Martinho se encontra diante de um livro aberto onde se lê a recomendação do defunto a Deus: *Tibi Domine commendamus animam famuli tui Henrici regis ut defuncti* (“Nós te recomendamos, Senhor, a alma de teu servidor o rei Henrique que é morto”). A comunidade tendo sido apresentada no fólio 4r, o santo bispo no 5r, no 5v os dois são evocados de maneira elíptica pela igreja São Martinho²⁴.



Desenhos de Bruno Baudoin, a partir do manuscrito de Londres, British Library, Add. 11662 fº 4r e 5r, (CNRS, ARTeHIS UMR 5594)

Do ponto de vista da composição geral do manuscrito, o fólio 4r se refere ao rei e ao grupo eclesiástico próximo de Saint-Martin-des-Champs (igreja, cônegos, abade, chanceler e bispo de Paris), o fólio 5r à relação estreita do santo junto ao rei no momento crucial da morte, enquanto que o fólio 5v se abre para um círculo alargado e ordenado hierarquicamente em torno do rei e conseqüentemente, da abadia que ele patrocina. Se o rei parece dominar a cena, a igreja São Martinho é que ocupa a posição mais alta. Porta aberta, interior basilical igualmente aberto, ela é o

²⁴ Sobre as primeiras iluminuras do manuscrito, ver E. MAGNANI, « Enregistrer une donation. Acte diplomatique, vers et image dans la ‘chronique versifiée de Saint-Martin-des-Champs’ », in L. VERDON, L. FAGGION dir., *Le don et le contre-don. Usages et ambigüités d’un paradigme anthropologique aux époques médiévale et moderne*, Aix-en-Provence, 2010, p. 23-37.

lugar do ofício litúrgico realizado para sua consagração. Ela é o lugar também da comunidade de cômegos, ausentes da imagem, e que ela de certa maneira representa. Dotada pelo rei de uma outra abadia prestigiosa, ela afirma a preminência de Martinho sobre Sansão. As duas igrejas sobrepõem-se aos oficiantes, arcebispo e bispos reunidos para a consagração que, por sua vez se sobrepõem a vários nobres leigos, testemunhas, de olhos bem abertos, atentas aos feitos e gestos do rei, cuja autoridade polariza e organiza cena.

Tecido social e convergência aristocrática

A presença de todos estes atores em torno do rei e de uma de suas abadias ilustres remete, evidentemente, às formas de organização da sociedade senhorial. A imagem do fólio 5v escolhe et propõe uma ordem aos diferentes atores que intervêm no diploma real. Do ponto de vista da diplomática, a existência de vários subscritores nos diplomas reais é uma novidade que data do século X, que diferencia os atos capetianos dos carolíngios onde somente o soberano anuía. Esta mudança documentária é considerada pela historiografia tradicional como uma evidência da “decadência do poder real”, obrigado a compor e a ser secundado pela aristocracia²⁵. Os estudos recentes de Olivier Guyotjeannin, no entanto, mostram que a proliferação de “subscrições de terceiros” está relacionada à permeabilidade das práticas da “chancelaria” real – na realidade a capela real encarregada de redigir somente alguns dos atos reais e sobretudo de orientar a política eclesiástica dos reis – aos elementos dos atos privados, especialmente os realizados nos antigos mosteiros²⁶. Assim, as comunidades mais antigas como Saint-Denis ou Fleury redigem elas próprias os atos reais onde depois é colocado o consentimento do rei. A chancelaria real, que resta próxima da tradição carolíngia, intervém principalmente nos atos das novas fundações que ainda não estabeleceram uma tradição escriturária. Desta forma, os atos refletem as concepções que monges e cômegos formulam sobre a autoridade real e a necessidade de testemunhas, concepções que acabam se difundindo nos círculos e nas práticas do palácio²⁷.

²⁵ As referências são numerosas e nos limitamos aqui a citar o livro “clássico” de J.-F. LEMARIGNIER, *Le gouvernement royal aux premiers temps capétiens (987-1108)*, Paris, 1965.

²⁶ O. GUYOTJEANNIN, “Actes royaux français : les actes des trois premiers Capétiens (987-1061)”, in J. Bistrichly dir., *Typologie der Königsurkunden, op. cit.*, p. 43-63; ID., “Les actes établis en chancellerie royale sous Philippe I^{er}”, *Bibliothèque de l'École des chartes*, t. 147, 1989, p. 29-46; ID., “Les actes de Henri I^{er} et la chancellerie royale dans les années 1020-1060”, *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Comptes-rendus des séances*, 1988, p. 81-97.

²⁷ É preciso lembrar ainda que a reunião da corte para a consagração de igrejas, é uma prática relativamente recente, que aparece primeiro no meio otoniano, e que é descrita, no que toca a consagração de Saint-Aignan de Orleões, por Helgaud de Fleury, na vida do rei Roberto o Piedoso (972-1031) (cf. D. IOGNA-PRAT, *La Maison Dieu. Une histoire monumentale de l'Église au Moyen Âge, (v. 800-v. 1200)*, Paris, 2006, p. 521-527).

Se estas transformações formais podem de fato ser colocadas em relação com as reclassificações que acompanham a instauração da sociedade senhorial, elas são também índices da convergência da sociabilidade aristocrática, leiga e eclesiástica, em torno das abadias. Assim, mais do que a corte reunida em torno do rei, a iluminura do fólio 5v da crônica de Saint-Martin-des-Champs, apresenta a rede social que se tece em torno da abadia, que a sustenta e que ela reivindica. A reunião no dia da consagração da igreja de Saint-Martin-des-Champs é um momento privilegiado de manifestação deste tecido social que o iluminador da crônica figura de forma ordenada, identificada e hierarquizada.